

MARIA TEREZA FRANCHINI

Nascimento: 16 de dezembro de 1951
Desencarnação: 01 de fevereiro de 1974
Idade: 22 anos



Pais:
DOMINGOS FRANCHINI
PHILOMENA C. FRANCHINI
Rua Rubiácea, 72
Sao Paulo - SP

O LIVRO ESPÍRITA É LUZ NO CAMINHO

ESCLARECIMENTOS

Irmãos - Luiz Antonio, Celso, Ana Paula e João, irmão por adoção.

Avós - Philomena Alagia Cantisani, desencarnada há 36 anos

José Cantisani, desencarnado há 72 anos

O LIVRO ESPÍRITA É LUZ NO CAMINHO

Viajando para Campinas, o casal Franchini, despreocupado seguia para um compromisso habitual.

Quando em viagem, muito raro ouviam rádio.

Dona Philomena, premida por forte desejo, liga-o e a emissora sintonizada nesse instante noticiava que um prédio em São Paulo estava em chamas. Imediatamente ligou-se ao edifício em que sua filha trabalhava. Seu esposo, percebendo a sua preocupação, tentou desviar-lhe a atenção para uma bela paisagem.

Mais adiante, na altura da cidade de Jundiaí, a emissora tornava a informar com mais precisão, divulgando o nome do prédio em chamas. Tratava-se do Joelma. Sobressaltados com a informação, retornaram imediatamente.

Nesse retorno, em retrospectiva de horas antes, o Sr. Domingos lembrava:

Com problemas no seu automóvel, pediu à Maria Tereza, sua filha que de passagem alertasse a oficina mecânica da urgência no conserto pois precisavam viajar.

Nessa lembrança nos relatou que, raramente, voltava o seu olhar para acompanhar seus filhos. Nesse

dia, lembra muito bem, voltou e ficou olhando Maria Teresa afastar-se, até dobrar a esquina da via pública, com um sentimento muito forte de amor para a sua filha.

Estranhou muito essa sua atitude.

Em casa, Sr. Domingos e seu filho, começaram a busca sem nada de positivo sobre Maria Teresa, pois as informações sobre o incêndio eram as mais desalentadoras.

Das relações dos hospitais fornecidas, todos foram percorridos, deixando-lhe como derradeiro final o necrotério.

Lá chegando, aproximou-se dos primeiros corpos divisando o de sua filha de longe.

Desmaiou com o choque e lembra apenas estar sendo socorrido por pessoas.

Em comentário, narra o Sr. Domingos as informações obtidas:

"Naquele dia, por qualquer razão, o "office boy" encarregado da correspondência não pode distribuí-la. Maria Tereza, como secretária na Crefisul, empresa de financiamentos, primava para chegar sempre antes do horário, principalmente nesse dia 1º de fevereiro de 1974, quando haveria, às 9 horas, uma reunião de diretoria.

Sua sala de trabalho ficava próxima à porta de saída do referido edifício.

A pedido do seu encarregado, foi levar uma carta de importância para a referida reunião que se realizaria em andar superior.

Ao retornar, no elevador, foi alertada por uma companheira de que nos andares abaixo, havia princípio de fogo e muita fumaça.

Mostrou-se muito preocupada e logo se interessou pelos demais funcionários, principalmente aqueles que estavam trabalhando com as portas fechadas e não percebiam o que estava acontecendo.

Embora alertada para que não saísse do elevador, desvencilhou-se e saiu a avisar esses companheiros. Muitas pessoas testemunharam suas ações, quando tentava ajudar e acalmar os aflitos e desequilibrados.

As razões da existência humana nos faz pensar em porque a desencarnação é tão diferente de uma pessoa para outra.

Depois desse acontecido, os dias se tornaram mais longos e encharcar o travesseiro com lágrimas de fogo, tornou-se rotina para nós.

Procurados por Dona Maria Odila Nunes Cardeal (Didi), ela apresentou-nos ao casal Juracy Balbino e

Tânia Castro Balbino, que nos auxiliaram muito, incentivando-nos à procura de Chico Xavier em Uberaba.

O desejo de estar frente a ele e a esperança de receber a mensagem, era a chama que nos alimentava. Em 24.5.1974, quase quatro meses após a desencarnação, recebemos a referida mensagem.

De encontro com as nossas constantes indagações, a mesma informou e esclareceu pensamentos íntimos, descobrindo o véu da incerteza.

Instalou no coração da família a confiança na recuperação e a fé em Jesus.

Esta confirmação está configurada nas palavras de nossa filha e, o que nos chamou a atenção, foi o fato de serem mencionados parentes há muito tempo desencarnados e que naquele momento a estavam auxiliando muito.

Quem seria Ernesto, do qual não tínhamos conhecimento?

Chico verbalmente nos esclarecia as dúvidas e dizia: - Ernesto é da família Simioni. Vocês conhecem alguém com esse sobrenome?

Ficamos espantados com a informação: - Simioni é o sobrenome de nosso filho João Simioni, que trouxemos

para junto de nós ainda muito pequeno. Por isso, nosso espanto, nome desconhecido para o Chico.

Eis a razão por que carinhosamente Maria Teresa o chamava de "tio" e que a ajudava.

Em pesquisa, depois de algum tempo, viemos a descobrir que "Tio Ernesto" era realmente familiar de João, desencarnado em Belo Horizonte."

Minha querida Mamãe, meu Pai, bênção peço ainda e sempre.

Estou ainda muito abatida, muito doente mesmo. Embora o que aconteceu não fosse enfermidade, mas refiro-me aos resultados.

Tudo foi assim igual a um pesadelo.

Não creio que um de nós possa contar o que sucedeu. Cada um teria um modo diverso de se expressar.

Mas tantas coisas aconteceram de uma vez, que estou sem a possibilidade de separar os fatos e as lembranças.

Provavelmente, saberei mais tarde.

Quero apenas pedir aos meus pais queridos consolo e resignação.

Não sei. Vim para onde estou, sem experiência da vida. Mas penso que devíamos ter mais preparo a fim de suportar aquelas horas de provação.

Estamos na estaca zero, Mãezinha. Vocês choram e eu também. Vocês se prendem à filha que precisa libertar-se e, de

minha parte, prendo-me à família querida que não devo e nem posso prender a mim.

Ajudem-me, peço! Peço lembrando a nossa fé em Deus. As lágrimas de casa me fazem viver uma tempestade. Tudo por dentro de mim, nos meus pensamentos e sentimentos.

Fui recolhida por um grande amigo que disse ser meu avô Cantizani e um anjo, que é minha avó Philomena, me ampara como sendo a continuidade de minha querida Mãe. Entretanto, por mais me esforce, acabo esbarrando em casa.

Isso quase sempre.

Penso muitas saídas e só encontro um lugar para me recolher, nosso lar feliz que se transformou num lugar de imensa tristeza.

Venho pedir-lhes amparo. Preciso sair de mim mesma e compreender o que se passou. E preciso ajudar para se ajudada.

Papai e Mãezinha, a hora é dos que ficaram. Penso em nosso Luiz Antonio, em nosso Celso, no João, em todos.

Sinto Ana Paula em meus braços, quero falar, consolá-los, dizer que o fogo não destruiu nenhum de nós, mas e as lágrimas que choramos?

Tenho ouvido muitos amigos e visto muitos outros, todos buscando refazimento... entretanto, creio que a maioria estará

qual eu mesma, guardando fé em Deus e confiança na vida, mas atormentados pela dor e pela aflição dos entes queridos.

Mãezinha, ore como no outro tempo, com aquela certeza ardente de que Deus existe e de que nada acontece por acaso.

Não me perguntem mais porque sucedeu o que vimos. Eu não saberia dizer, mas posso afirmar que ninguém teve culpa. Quem teria coragem e mesmo poder para articular aqueles quadros?

Estamos debaixo de leis que não conhecemos e só a compaixão uns pelos outros conseguirá melhorar-nos. Digo assim, porque assim ouço todos os dias daqueles que nos procuram nas celas de recuperação em que nos achamos, auxiliando-nos as forças. Auxílio aos que ficaram para que haja aqui auxílio aos que vieram.

Por isso, queridos, meus queridos pais, rogo para que venhamos a enxugar o pranto que nos corre do coração. Lembro-me de todos, mas estou ainda insegura. Tenho receio de falar o que não devo e exceder-me em palavras que não conduzam reconforto e esperança. É muita coisa para pensar e estou assim dominada pela angústia dos meus.

Não me procurem nas lembranças materiais. Nem fiquem recordando a forma que teria ficado.

MENSAGEM - MARIA TERESA

Preciso da imagem do que fui e do que sou para ser eu mesma, em vocês, porque as figurações que fazem me alcançam e me obrigam a pensar em deformação.

Perdoem-me se peço isso. Se não fosse verdade o que vejo e sinto em mim pelo que vocês sentem e procuram ver a meu respeito, eu não diria.

Compreendo que tudo agora pesa muito no que eu possa falar e devo falar somente no melhor que deve ser dito e ouvido.

Mãezinha querida, meu querido papai, meus amigos abençoados, auxiliem-me com as orações e com as boas lembranças. Estamos num dia novo e, mais tarde, estaremos mais unidos na compreensão verdadeira de tudo.

Meu pai e minha mãe, abençoem-me. Procurem viver com alegria e paz. Lembremo-nos da bondade infinita de Deus sobre nós e saibamos ser agradecidos.

Meu tio Ernesto ajuda-me escrever e outros amigos me amparam.

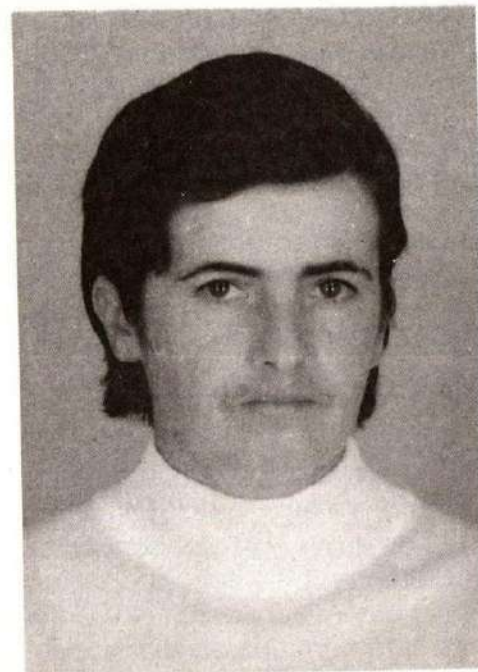
Preciso esquecer o que sucedeu para criarmos um futuro sempre mais belo. Com Deus seremos sempre felizes.

Querida Mãezinha, meu querido papai, recebam um beijo com as muitas saudades e com muito carinho da filha agradecida.

Maria Teresa

TEREZA DELFINA REVERTE

Nascimento: 12 de outubro de 1932
Desencarnação: 28 de março de 1983
Idade: 51 anos



Esposo:
DIOGO GARCIA VILLAR REVERTE
Av. Castro Alves, 778
Barbosa Ferraz - Paraná